

# ETNOBOTÂNICA DAS PLANTAS MEDICINAIS

PESSOA, Elvira Bezerra\*

## 1. INTRODUÇÃO: BREVES CONCEITUAÇÕES HISTÓRICAS

Muito antes de surgir a escrita, o homem já usava as ervas para fins alimentares e medicinais. Os homens assim como os animais iniciaram as “práticas de saúde”, alimentando-se de determinadas plantas pelo instinto de sobrevivência. Com isso poderiam ter observado determinados efeitos, minimizar suas enfermidades. Assim surge o conhecimento empírico que se acumula de geração em geração, propiciando o nascimento da fitoterapia na arte de curar. Toda a história da medicina encontra-se ligada as plantas medicinais. Li Shizhen em 1578 finalizou seu *Compêndio de matéria médica*, onde apontou 1800 substâncias medicinais e 1000 receitas de compostos.

O primeiro médico egípcio conhecido foi Imhotep (2.980 a 2.906 a.C.), sacerdote que desenhou uma das primeiras pirâmides. Grande curandeiro reutilizava as ervas medicinais em seus preparos mágicos. O tratamento com as plantas medicinais repousa sobre uma tradição secular, associada a relatos históricos e mantida entre a população através de curandeiros, benzedeadas e familiares.

No Brasil, a biodiversidade de nossos vegetais constitui uma grande riqueza em potencial para a espécie humana. Inicialmente o uso das plantas medicinais foi gerado a partir dos conhecimentos indígenas, dos imigrantes; se restringindo principalmente no campo.

Com o passar do tempo grande parte da população urbana passou a utilizá-la. Inúmeras espécies vegetais incorporadas à medicina tradicional, caracterizado pelo uso empírico de espécies vegetais, seguido de avaliação, mesmo que rústica e grosseira, dos sinais e dos sintomas que apareciam após seu consumo, até selecionar pela qualidade de respostas, se determinada espécie lhe seria útil ou não (MATOS, 2002:5-48).

---

\* Mestre em Engenharia Agrícola, professora de Biologia, apresentadora de programa de rádio “Saúde da mulher e as questões de gênero” (LAGAR-FM). Coordenadora do COLMEIAS – Coletivo de Mulheres de Ação e Intervenção Social.

A arte dos benzedores, curandeiros e xamãs, herdada dos magos e feiticeiros de outrora, pode ser vista hoje, em teste, nos laboratórios científicos, os quais passaram a avaliar experimentalmente a veracidade destas informações, tendo em vista a descoberta de novos medicamentos, com base nos conhecimentos que foram adquiridos durante milhares de anos e repassados por aqueles que são os ancestrais da ciência moderna (DI STASI, 1996:18-21).

Nesse contexto, as plantas medicinais sempre foram objeto de estudo de uma área denominada farmacognosia<sup>1</sup>, termo idealizado em 1815 por Seyder:

(...) para designar um dos ramos da farmacologia que se ocuparia dos estudos voltados para examinar e caracterizar as drogas ou bases medicamentosas de origem natural, utilizados como matéria-prima para preparação de medicamentos (DI STASI, 1996:23-27).

As ciências humanas representam, em um momento, a geração de conhecimentos básicos que permitem a realização de projetos de estudos em etnobotânica, extremamente importantes na seleção de uma espécie vegetal para posteriores estudos e pesquisas. Desse modo, a sistematização dos conhecimentos, englobando todos os elementos, estados e fases pelas quais uma sociedade passa em seu desenvolvimento, seria o objeto básico relacionado com a cultura de determinados povos ou da população como um todo.

O interesse despertado pelo uso que outros povos fazem dos elementos do seu ambiente natural vem desde a Antiguidade, coletando informações que visa contribuir para o conhecimento científico das espécies vegetais, mas deve ter em foco a reversão do conhecimento fornecido pelos informantes, para o benefício da própria comunidade.

Harshberger foi o pioneiro na busca pelo desenvolvimento das ciências naturais quando empregou pela primeira vez o termo etnobotânica em 1895, que serviu de base para despertar as investigações científicas do pesquisador Schultes, que priorizou suas pesquisas no noroeste da Amazônia; a partir de um processo lento e contínuo com sua convivência com os índios.

Nesse convívio Schultes pode ainda desenvolver misturas, preparos e medicamentos fitoterápicos utilizando como base a cultura indígena que possui uma etnia específica, ainda observando e classificando as plantas empregadas como alucinógenos e até mesmo anticoncepcionais naturais.

---

<sup>1</sup> “Parte da farmacologia que trata das drogas ou substâncias medicinais em seu estado natural, antes de serem manipuladas” (HOUAISS, 2001).

A etnobotânica resgata o conhecimento tradicional sem perder pelo choque com a cultural dominante, como resgatar os próprios valores das culturas com quem entra em contato (MINNIS, 2000:3-10).

Podemos ainda enfatizar que a etnobotânica estuda as interações entre pessoas e plantas em sistemas dinâmicos, com estreita relação com a antropologia médica, à medida que contextualiza o uso das plantas dentro de um “sistema” médico.

Existe uma grande variedade de formas de se conceber e tratar as doenças. Considerando a percepção do processo saúde-doença para a comunidade dentro de um contexto social, as formas de uso e preparação farmacológicas na perspectiva de subsidiar um modelo assistencial para a atenção primária à saúde, analisando os conhecimentos etnomedicinais, sejam pela utilização direta em práticas de medicina popular, ou através da indústria farmacêutica.

## **1.1. PESQUISA ETNOBOTÂNICA**

Tais plantas têm diversas origens, desde o cultivo comercial ao extrativismo predatório em áreas naturais. Como parte de um projeto visando a inventariar essas espécies medicinais e registrar informações sobre a sua utilização, foi realizada uma pesquisa no bairro de Bodocongó na “Vila dos Teimosos” em Campina Grande, Paraíba, já invadida pela zona urbana da cidade, abriga uma comunidade bastante heterogênea que, como as de muitas localidades, guardam o costume de cultivar algumas ervas medicinais para uso próprio. A pesquisa constou de entrevistas abrangendo moradores do bairro. Desse total, resultou em uma amostragem de 100 pessoas.

Os “raizeiros” da localidade também foram envolvidos, tendo em vista que muitas vezes são eles que indicam a planta e sua forma de uso. Os dados obtidos nos questionários foram confrontados com a literatura popular, ou seja, livros e cartilhas que relatam esse conhecimento milenar, bem como, confrontados com a literatura especializada que relata a comparação dos efeitos farmacológicos dessas plantas. A partir dos dados obtidos foram realizados ciclos de debates com alguns moradores daquela comunidade discutindo o valor terapêutico das plantas.

**Tabela 1: Plantas medicinais mais utilizadas na Vila dos Teimosos, no bairro de Bodocongó, em Campina Grande (PB).**

Nome Popular	Nome Científico	Fi	%
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham.	81	13,4
Quixaba	<i>Bumelia sertorum</i>	59	9,74
Erva Cidreira	<i>Lippia geminata</i> H. B. K.	51	8,42
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	38	6,27
Romã	<i>Púnica granatum</i>	34	5,62
Eucalipto	<i>Eucaliptus globulus</i> Labil	31	5,12
Hortelã da folha miúda	<i>Mentha vilosa</i>	23	3,80
Mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	30	4,95
			42,60
	<b>TOTAL</b>	347	100

A partir dos 100 questionários aplicados de forma aleatória ficou constatado que a crença no poder de cura das plantas é marcante nesta comunidade, uma vez que fazem uso das mesmas, para rezas e benzeduras. A relação com o uso é anímica, arraigado através de gerações e continuada pelo ensinamento dos mais velhos.

A medicina popular é uma das formas de expressão da cultura empírica do povo, que busca na natureza a solução para os mais diversos tipos de problemas por eles enfrentados, principalmente com relação à saúde, utilizando-se de preparos a base de vegetais<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> Pesquisa realizada durante graduação em Biologia feita na Universidade Estadual da Paraíba, nos anos de 1998 e 1999 (PIBIC/CNPq).

**Tabela 2: Correlação das principais afecções e as plantas medicinais no tratamento das patologias pela comunidade.**

Nome Popular	Nome Científico	Afecções
Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham.	Febre
Quixaba	<i>Sideroxylon obtusifolium</i>	Inflamação
Erva Cidreira	<i>Lippia geminata</i> H. B. K.	Calmante, digestivo
Colônia	<i>Alpinia speciosa</i> Schum.	Febre, gripe
Romã	<i>Púnica granatum</i>	Antiviral, dores de garganta
Eucalipto	<i>Eucaliptus globulus</i> Labil	Anticatarral, antiasmático
Hortelã da folha miúda	<i>Mentha vilosa</i>	Antiparasitário, corrimento vaginal
Mastruço	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Expectorante, anti-helmíntico



*Sambucus australis*



*Alpinia speciosa*



*Púnica granatum*



*Mentha vilosa*



*Chenopodium ambrosioides*



*Sideroxylon obtusifolium*

Os resultados apresentados na Tabela 2 mostram que no tratamento das afecções, a maior parte da população em estudo busca as plantas medicinais para cura de diversas enfermidades. Destacaram-se como mais utilizadas pela população *Sambucus australis* indicada no tratamento de febre, *Bumela sertorum*, na cura de inflamações de baixo ventre, a *Lippia geminata* no tratamento do sistema nervoso, como calmante, e do sistema digestório.

Os métodos de uso mais empregados pela comunidade da “Vila dos Teimosos” são: xarope e chá, com a finalidade de cura de doenças respiratórias como *Chenopodium ambrosioides*, *Eucalyptus globulus* considerada polivalente quanto ao uso e aplicações de suas propriedades a *Mentha vilosa*.

#### **BIBLIOGRAFIA:**

DI STASI, L. C. **Plantas medicinais: arte e ciência. Um guia de estudo interdisciplinar.** Editora UNESP, São Paulo, 1996.

MATOS, F. J. A. **Farmácia Viva: sistema de utilização de plantas medicinais projetado para pequenas comunidades.** Fortaleza: Edições UFC, 2002.

MINNIS, P. E. Introduction. In: **Ethnobotany: a reader**, ed. P. E. Minnis, 3-10. Norman; U. Oklahoma Press, 2000.

SCHULTES, R. E.. The role of the ethnobotanist in the search for new medicinal plants. **Lloydia**, v.25, n.4, p.257-66, 1962.